: : DIRECTOR : :

HENRIQUE DE RESENDE

: REDACTORES :

MARTINS MENDES

:: :: :: :: E :: :: :: ::

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL DE ARTE E CULTURA

NUMERO . 2

ANNO . . . 1

:: :: REDACÇÃO :: ::

:: :: :: E :: :: :: ::

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES – MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":



NUMERO — 1$000 ASSIGNATURA — 11$000

VERDE

ANNO 1 | CATAGUAZES — OUTUBRO 1927 | NUMERO 2

# LITERATURA DE BRINQUEDO

*Verde* constituiu um delicioso escandalo na sua cidadesinha—de—interior. E não era para menos. Ninguem esperava que a annunciada revista surgisse como surgiu. Que! Revista sem photographias dos politicos da terra. Sem instantaneos das melindrosas, á saida da missa, ou melancolicamente espalhadas pelos jardins da urbs. Sem uma vista siquer do Novo Hospital. Sem isto. Sem aquillo. Qual revista qual coisa nenhuma! Um mero folheto com sonetos futuristas, como o do sr. Carlos Drummond de Andrade, que não passa de um ridiculo plagio do Regulamento Interno da Inspectoria de Vehiculos.

E a *Viagem Sentimental* do sr. Edmundo Lys? Uma bambochata, com mistura de canivetes, Codigo Civil, tenentes e laranjas. Depois o sr. Martins de Oliveira, com uns negocios complicados de palhaço de circo,— tudo sem rima e de pé quebrado.

E o sr. Theobaldo! Cruz credo! Um verdadeiro escandalo é que é. Todos malucos. Todos com macaquinhos no sóto. E' o sr. Fusco fingindo que não sabe graphar direito. O sr. Camillo com um Xixi incompreensivel. O sr. Peixoto, o sr. Ascanio. Etc. Etc. Uma bôa córja com tendencias para o 70 Sul.

E triumphantemente o respeitavel publico se delicia: ora, os futuristas...

Outros leitores, um pouco mais condescendentes, limitam-se a dizer que o sr. Henrique de Resende vem fazendo blague. Nada mais. Não é crivel que um moço casado, pae de um pimpolhinho de seis mezes, autor de um livro passadista, perfeitamente equilibrado, com bonita epigraphe latina, se associasse aos srs. Rosario Fusco e Martins Mendes para a realisação de semelhante absurdo literario.

E a cidadesinha *culta* e *progressista*—como o são, no geral, as cidadellas do interior, segundo os seus hebdomadarios,—enrubeceu todinha com a publicação de *Verde*.

Mas depois vieram as noticias dos grandes jornaes do paiz. *Verde* recebida com altas honrarias. Outros nomes, que ha muito si impuzeram no mundo das letras, offerecem hoje a *Verde* o labor da sua penna. Todos se admiram, boquiabertos. Ha um natural embaraço. O commentario affrouxa. Por vezes se modifica.

Já somos nós agora que sorrimos.

E que fazer? Não será este ainda o nosso publico. A mordacidade, resultante, no caso, de um principio rotineiro e bolorento, passará. Virá o silencio condescendente. Mas o applauso ainda não. Talvez mesmo nunca.

E' que nós não precisamos apenas de Theatro de Brinquedo. Necessitamos tambem de Literatura de Brinquedo. Literatura infantil. Sim. Urge começar tudo de novo. Ao publico incumbe esquecer o que já aprendeu. Esquecer sobretudo os classicos, esses cacetissimos senhores de antanho, e toda a sua verbosa descendencia, até chegar mais ou menos ahi pela altura dos srs. Alberto de Oliveira e Coelho Netto. E recomeçar a aprender. Mas recomeçar pela Literatura de Brinquedo. Desta é que nascerão os primeiros escriptores do Brasil, como do Theatro de Brinquedo ha-de nascer um dia o primeiro autor do mundo contemporaneo, na phrase do sr. Renato Vianna.

E porque?

O sr. Renato explica: "Da tradição é que não poderemos esperar mais nada, absolutamente nada mais.'"

Ora, já que é assim, é enveredarmo-nos por outros atalhos.

Mas para tal é mister que se aprenda a esquecer a tradição e a amar um pouco mais a renovação das coisas.

E' o que tentamos. E se isso não se dér o publico continuará a ter esta mesma pena de nós e nós continuaremos a ter esta mesma immensa piedade pela ignorancia do publico.

HENRIQUE DE RESENDE

# O AVENTUREIRO ULISSES

Ainda tinha duzentos réis. E como eram sua única fortuna meteu a mão no bolso e segurou a moeda. Ficou com ela na mão fechada.

Nêsse instante estava na avenida Celso Garcia. E sentia no peito todo o frio da manhã.

Duzentão. Quer dizer: dois sorvetes de casquinha. Pouco.

Ah! muito sofre quem padece. Muito sofre quem padece? E' uma canção de Sorocaba. Não. Não é. Então o que é? Mui-to so-fre quem pa-de-ce. Alguêm dizia isso sempre. Etelvina? Seu Cosme? Um dos dois. Com certeza Etelvina que vivia amando toda a gente. Até êle. Sujeitinha impossivel. Só vendo o geito de olhar dela.

Bobagens. O melhor é ir andando.

Foi.

Pé no chão é bom na roça. Na cidade é uma porcaria. Toda a gente estranha. E' verdade. Agora é que êle reparava direito: ninguêm andava descalço. Sentiu um mal estar horrivel. As mãos a gente ainda esconde nos bolsos. Mas os pés? Cousa horrorosa. Desafogou a cintura. Puxou as calças para baixo. Encolheu os artelhos. Deu dez passos assim. Pipocas. Não dava geito mesmo. Pipocas. A gente da cidade que vá bugiar no inferno. Ajustou a cintura. Levantou as calças acima dos tornozelos. Acintosamente. E muito vermelho foi jogando os pés na calçada. Andando duro. Como se estivesse calçado.

—ESTADO! COME'RCIO! A FOLHA!

Sem querer procurou o vendedor. Olhou de um lado. Olhou de outro.

—FANFULLA! A FOLHA!

Virou-se para trás.

—ESTADO! COME'RCIO!

Olhou para cima Olhou longe. Olhou perto.

Diacho. Parece impossível.

—S. PAULO-JORNAL!

Quási derrubou o homem na esquina. O italiano perguntou logo:

—Qual é?

Atrapalhou-se todo:

—Eu não sei não senhor.

—Estão leva O ESTADO!

Pegou o jornal. Ficou com êle na mão feito bobo.

—Duzentos réis!

Quási chorou. O homem arrancou-lhe a moeda dos dedos que tremiam. E êle continuou a andar. Com o jornal debaixo do braço. Mas sua vontade era voltar, chamar o homem, devolver o jornal, readquirir o duzentão. Mas não podia. Porque não podia? Não sabia. Continuou andando. Mas sua vontade era voltar. Mas não podia. Não podia. Não podia. Continuou andando.

Que remédio senão se conformar? Não tomava o sorvete. Dois sorvetes. Dois. Mas tinha O ESTADO. O ESTADO DE S. PAULO. Pois é. O jornal ficava com êle. Mas para quê, meu Deus? Enguliu um soluço e sentiu vergonha.

Nêsse instante já estava em frente do Instituto Disciplinar.

Abaixou-se. Catou uma pedra. Pá! Na árvore. Bem no meio do tronco. Catou outra. Pá! No cachorro. Bem no meio da barriga. Direcção assim nem a do cabo Zulmiro. Ficou muito, mas muito satisfeito consigo mesmo. Cabra bom. E isso não era nada. Há dois anos na Fazenda Sinhá Moça depois de cinco pedradas certeiras o doutor delegado (o que bebia) lhe dissera: Dêsse geito você poderá fazer bonito até no estrangeiro!

Eta topada. A gente vai assim pensando em cousas e nem repara onde mete o pé. E' topada na certa. Eh! Eh! Topada certeira tambêm. Puxa. Tudo certeiro.

Agora não é nada mau descansar aqui á sombra do muro.

O automóvel passou com poeira atrás. Diabo. Pegou num pauzinho e dezenhou um quadrado no chão vermelho. Depois escreveu dentro do quadrado em diagonal: SAUDADE-1927. Desmanchou tudo com o pé. Traçou um círculo. Dentro do círculo outro menor. Mais outro. Outro. Ainda outro bem pequetitito. Ainda outro: um pontinho só. Não achou mais geito. Ficou pensando, pensando, pensando. Com a ponta do cavaco furando o pontinho. Deu um risco nervoso cortando os círculos e escreveu fora dêles sem levantar a ponta: FIM. Só que escreveu com n. E afundou numa tristeza sem conta.

Cinco minutos banzados.

E abriu o jornal. Pulou de coluna em coluna. Até os olhos da Teda Bara nos anúncios de cinema. Boniteza de olhos. Com o fura-bolos rasgou a bôca, rasgou a testa. Ficaram só os olhos. Deu um sôco: não ficou nada. Jogou o jornal. Ergueu-o novamente. Abriu na quarta página. E leu logo de cara: *ULISSES SERAPIÃO RODRIGUES—No dia 13 do corrente desapareceu do Sitio Capivara, município de Sorocaba, um rapás de nome Ulisses Serapião Rodrigues tomando rumo ignorado. Tem 22 anos, é baixo, moreno carregado e magro. Pode ser reconhecido facilmente por uma cicatriz que tem no queixo em forma de estrela. Na ocasião de seu desaparecimento estava descalço, sem colarinho e vestia um terno de brim azul-pavão. Quem souber de seu paradeiro queira ter a bondade de escrever para a Caixa Postal 00 naquela cidade que será bem gratificado*

Cousas assim a gente lê duas vezes. Leu. Depois arrancou a notícia do jornal. E foi picando, picando, picando até não poder mais. O vento correu com os pedacinhos.

Então êle levou a mão ao queixo. Esfregou. Esfregou bastante. Levantou-se. Foi andando devagarinho. Viu um sujeito a cincoenta metros. Começou a tremer. O sujeito veiu vindo. Sempre na sua direcção. Quiz assobiar. Não pôde. Nunca se viu ninguêm assobiar de mão no queixo. O sujeito estava pertinho já. Pensou: Quando êle for se chegando eu cuspo de lado e pronto. Começou a preparar a saliva. Mas cuspir é ofensa. Enguliu a saliva. O sujeito passou com o dedo no nariz. Arre. Tirou a mão do queixo. Endireitou o corpo. Apressou o passo. Foi ficando mais calmo. Até corajoso.

Parou bem juntinho dos operários da Ligth.

O mulato segurava no pedaço de ferro. O português descia o malho: pan! pan! pan! E o ferro ia afundando no dormente. Nem o mulato nem o português levantaram os olhos. Ele ficou ali guardando as pancadas nos ouvidos.

O mulato cuspiu o cigarro e começou:

*Mulher, a Penha está aí,*
*Eu lá não posso..*

Que é que deu nêle de repente?

—Seu moço! Seu moço!

A canção parou.

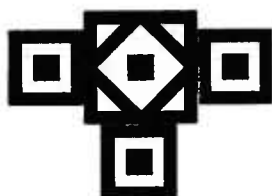
—Faz favor de dizer onde é que fica a Penha?

O mulato ergueu a mão:

—Siga os trilhos do bonde!

Então êle deu um puxão nos músculos. E seguiu firme com os olhos bem abertos e mão no peito apertando os bentinhos.

—S. Paulo, agosto de 927—

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO.

# FELICIDADE

A HENRIQUE DE RESENDE.

Felicidade — o titulo tão comprido deste poema tão
pequeno!
Felicidade — substantivo commum, feminino, singular,
polysyllabico.
Tão polysyllabico. Tão singular. Tão feminino. E
tão pouco commum.
Substantivo complicado, metaphysico,
que cabe todinho
na bondade simples de alguem que eu sei
e no sorriso sem dentes de meu filho.

1927.

ABGAR RENAULT.

# RONDÓ DO BRIGADEIRO

(dos Poemas de Campos do Jordão)

O brigadeiro Jordão
Possuiu êstes latifundios
Dos quais o metro quadrado
Vale hoje uns nove mil reis...
Puxa! que homem felizardo
O brigadeiro Jordão...
Tinha casa tinha pão
Roupa lavada e engomada
E terras... Qual terras! Mundos
De pastos e pinheirais!...
Que troças em perspectiva...
Nem pensava em serrarias
Nem fundava sanatorios
Nem gado apascentaria!
Vendia tudo por oito
E com a bolada no bolso
Ia no largo do Arouche
Comprar aquelas pequenas
Que moram numa pensão...

Mas não são minhas as terras
Do brigadeiro Jordão..

MARIO DE ANDRADE

# A PROPOSITO DO "BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA"

S. Paulo, 22 de março de 1927.

Alcântara:

Li seu livro com immenso prazer. De uma só vez. Um homem está num plano inclinado e, num dado momento, quer deterse. Não pode. E escorrega até o fim. Seu livro igual ao plano inclinado.

Domingo, em casa de Paulo Prado, eu dizia para os da roda que só quem conhece S. Paulo podia compreender integralmente *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Nesse sentido, era uma obra regionalista. Houve protestos.— Não, disse Mario de Andrade.—Não, disse Paulo Prado. Chegou-se mesmo affirmar que era preciso acabar com essa "historia de regionalismo" Si os animos estivessem um pouco mais exaltados e Mr. Bacharach entrasse na discussão, acabava-se concluindo que o regionalismo não existe.

Não era possivel demonstrar a minha these. Por mais bem educados que sejam os interlocutores, ha sempre tanto barulho e tanta cousa alheia em volta de uma discussão, que ninguem pode distinguir o ponto essencial, que está no meio, como ninguem vê o poste de parada, quando a multidão se acotovela em volta. Entretanto, o poste está lá, visivel: é só levantar a vista para o céo...

Mas, alli, naquelle terraço em que estavamos reunidos, uma formiga no corrimão da escada; o suicidio de uma nuvem no céo; a côr do licor; o mercurio do thermometro; a fraze latina na parede; um pouco de estatua e aquella enorme figa preta, que parece um punho de boxeur ameaçador contra o azar, tudo atrapalhava, tudo desviava, tudo perturbava o pensamento. Mas, agora, a você eu faço questão.

Um livro mathematicamente falando é um X. Para o autor, X tem um valor definido, digamos *100*. Só o autor sabe intimamente o livro. Dentro das suas paginas, tudo tem uma significação especial, um valor proprio. E' um todo. Para o leitor é differente. Para o leitor, raramente acontece coincidir o valor que elle dá com o valor *100* presupposto. Ou não chega a *100*, ou ultrapassa. E tanto num, como noutro caso, o livro *perde*. Anatole France disse que um dia se surprehendeu descobrindo profundidades que nunca existiram não sei mais em que autor grego. Estava "ultrapassando..."

Essa cousa pode acontecer mesmo nos livros descriptivos. Todo o mundo "comprehende" uma descripção do Japão, sem nunca ter ido lá, lendo Loti, Lafcadio Hearn ou Horacio Scrosoppi. Entretanto, essa descripção tem muito mais interesse para aquelle que viu. Mas, mesmo para "aquelle que viu", o livro já é differente, em relação á idea que delle faz o proprio autor. Sim, porque foi debaixo de certo estado psychico, sob certa pressão emocional que o actor presenciou certas scenas, annotou certos aspectos, fixou certos typos. E é impossivel transplantar para o espirito do leitor esse ambiente psychologico, que é por assim dizer uma invenção do autor, propriedade sua e que só elle pode usufruir. Sob este ponto de vista, todo livro é hermetico. O regionalismo é uma especie de hermetismo. Hermetismo objectivo.

Você conhece o caso domestico da receita de doce. A receita está alli escripta, direitinha, não falta nada. Mas vá alguem tentar fazer! Doce é magica. Precisa geito. Lêr, o mesmo. As palavras estão alli, o sentido gramatical tambem. Mas que dê o outro sentido, o sentido que "vale"?

Em arte, a questão não está tanto em comprehender, mas em reconhecer. A funcção do reconhecimento é tão importante que, exagerada, deu naquella theoria de

"imitação da natureza". William Blake protestou energicamente: "a man puts a model before him and he paints it so neat as to make it a deception. Now I ask any man of sense is that art?"

Todos gostam de reconhecer, porque reconhecer é viver de novo, é bisar a vida, é tornar reversivel o tempo linha recta de Bergson.

Eu citei o exemplo da receita de doce. Vou citar o do mappa. Mappa, criança comprehende. Mas um mappa da cidade de S. Paulo para quem reside aqui tem outra significação. Além do simples valor utilitario, topographico, o mappa torna-se uma cousa rica, cresce por alluvião de ideas e sentimentos. Esparrama-se. Innunda, principalmente si o paulista está fora no extrangeiro. Tem a Estação da Luz, tem a rua onde elle mora, tem a casa da namorada.

Eu podia em vez de mappa falar em retrato, falar em bandeira, falar em tudo que implique reconhecimento e produza atropelo de reprezentações mentaes. Mas você está farto de saber tudo isso. E' ou não é?

Estou dizendo todas essas cousas para mostrar que um livro só é comprehendido integralmente quando é "sentido", e só pode ser sentido quando o leitor começa a refazer as experiencias vitaes que constituem a materia prima do livro, quer essas experiencias sejam objectivas (como na descripção), quer subjectivas (como num caso de amor, por exemplo).

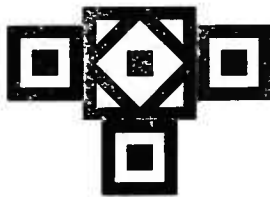
As analyses de Sthendal ou de Proust só interessam quando a gente diz "é isso mesmo" ou "tal e qual" Ora, "isso mesmo" ou "tal e qual" que é senão o proprio "reconhecimento"?

Quanto ao *Brás, Bexiga e Barra Funda* (como você gosta dos bês, seu Alcântara, desde o *Pathé-Baby*!), eu digo que aquelle que não conhece S. Paulo, como nós conhecemos, não pode gostar delle como nós gostamos. Um estranho estará muito longe daquelle valor *100* convencional. Seu livro exije, pelo menos nos contos mais caracteristicos, como *Gaetaninho, Carmela, Lisetta, O Monstro de Rodas* etc., uma bagagem de conhecimentos empiricos sobre o nosso meio, usos e costumes para poder ser apreciado. Quem não tiver essa bagagem não passa. Fica nos "humbraes" do livro. Poderá apreciar as *Notas biographicas do novo deputado*, mas nunca poderá penetrar o valor de um conto como os acima citados. E' que falta a esse leitor a "funcção do reconhecimento" Será para sempre um livro secco. Dry. Extra-dry, como você. Depois, ha muito dialogo no *Brás, Bexiga e Barra Funda*, o que agrava o seu hermetismo.

Si fizessem um concurso entre os escriptores nacionaes e propuzessem como thema os enredos dos seus contos, você ganharia o premio. Ganharia longe.

Agora, escute. Lembra-se do jogo do "diavolo"?

E' preciso saber imprimir uma certa velocidade ao carretel, para que elle, atirado ao ar, volte direitinho ao barbante que o equilibra. Sem essa velocidade, não vae. Ora, muitos livros não "vão" por falta dessa velocidade espiritual, por parte do leitor. Falta-lhe a experiencia objectiva ou subjectiva e, faltando isso, falta tudo. Você pode contar a mais bella historia de amor a um homem que nunca soffreu casos amorosos, e elle chamará você de bobo. Com toda a razão.

A. C. COUTO DE BARROS.

# POEMAS DE BELLO HORIZONTE

Pra Rosario Fusco.

I

Coração de jardins.
Flores em festa.
— Poema.

II

Calma azul.
Desfile de magnolias.
Mangueiras.
Manacás.
Frescura de folhagens.
Sombras.
— Romance.

III

Crepusculo.
Festa de côres.
Fascinação.
Cidade
do ouro
do verde
do azul.
—Ballada.

ROBERTO THEODORO.

# DELICIA DA CONFUSÃO

Ninguem disse ainda, a respeito do movimento vanguardista em nossa literatura, uma coisa mais saborosa que o sr. Annibal Machado: por emquanto, não sabemos ainda o que queremos—sabemos tão só o que não queremos.

Tão saborosa e tão verdadeira. Porque, apezar de ensaios, de polemicas, de livros, ainda não se definiram de modo inilludivel as grandes linhas de um systema. Nem nunca se definirão talvez. A liberdade de meio expressivo e a definição da terra são duas caracteristicas, ou talvez duas preoccupações, porém não podem constituir uma esthetica. O symbolismo francez, no ultimo quartel do seculo XX, foi uma reacção do subjectivismo contra o objectivismo. Era portanto um movimento nitido na sua estructura. Entre nós, isto a que todos chamamos (e realmente existe) poesia modernista, não se pode dizer que tenha uma tendencia para um polo ou para outro. Ha poetas modernistas de construcção objectiva, como os ha de construcção subjectiva. Sentimos que todos são modernos, apezar das oppostas attitudes interiores.

Essa tendencia para explicar, que faz a gloria dos caixeiros viajantes nos hoteis do interior, fica perplexa diante do problema. Em que consiste a modernidade?

A confusão mais salubre se estabeleceu.

Emfim, basta que saibamos todos o que não queremos. O sr. Annibal Machado, por exemplo, é dos que sabem. Mas nem todos sabemos...

Ao fim de sete ou oito annos de reacção combativa, estamos na situação do soldado em guerra: vai marchando porque o commando geral (força invisivel) manda marchar.

Para onde? Insisto: não tem importancia conhecer.

Façamos a campanha. E' delicioso caminhar. Escrevamos os nossos livros.

De tudo ficará alguma coisa. Essa alguma coisa ninguem é capaz de saber qual seja. Muito livro que hoje faz o nosso respeito pode desapparecer, residuo insignificante que a mão do tempo (critica Filtro Fiel) irá deixando sumir nas vallas communs do silencio.

Filhos de um seculo esportivo, sabemos bem que não é essencial ganhar o pareo, mas fortificar os musculos.

E gosamos com a confusão, uma confusão maior do que a outra, a terrivel, aquella que reina no estylo do senhor... (Aos maliciosos concluir.)

RIBEIRO COUTO.

# POEMAS CODAQUE

## Juiz de Fóra

Pro António de Alcântara Machado.

Manchester das minas gerais.
O crepusculo escorrega violentamente
e cai
na paisagem de cartão-postal
e nos olhos espantados do Christo-do-Môrro.

## Paisagem n. 2

Pro Carlos Drummond de Andrade.

Uma hora.
O dia parou com o meu relogio.

Nem uma folha só planta ruidos.
Nada.

E eu fico pensando na ingenuidade daquelle homem alto
que falla muito rôuco
tosse
tosse
tosse
e vive a vida átôa
quentando sol o dia inteiro.

## Rio de Janeiro

Pro Roberto Theodoro

Os meus sentidos são um menino
que veste um vestido novo.

972

ROSARIO FUSCO.

# A HORA PRESENTE

A palavra estrangeiro, na sua origem, significava o inimigo. E essa significação não se perdêra, estava latente em todos os espiritos. A grande guerra, despertando os sentimentos nativistas dos povos, acordando as forças que prendem o homem á sua terra e á sua gente, reviveu o velho sentido do vocabulo; creou uma athmosphera de revolta contra o estrangeiro, contra as instituições e costumes alheios; creou, emfim, um estado de rebellião permanente contra as outras nacionalidades. Mais, ainda: fez com que todos voltassem os olhos para sua terra .e sua gente. Não para um idealismo romantico, porque o momento era de acção; não para um pessimismo doentio, porque o momento, que era de exaltação de cada nacionalidade, não o comportava. Mas, para um exame melhor das coisas, para a nacionalização das instituições, para a formação dum espirito nacional, para a creação, apuração ou consolidação de uma nacionalidade, isenta e fóra do circulo da influencia directa dos elementos estrangeiros. E nos paizes novos e de immigração, como o Brasil, onde o espirito e as coisas nacionaes não estão estabilizadas, passado o primeiro instante de choque com essa corrente de ideas de nacionalização, que foi de um combate violento, mais de barulho que de resultado, trata-se, na hora presente, de formar um espirito nacional, um criterio nacional, para a solução dos problemas nacionaes; luta-se pela formação da nacionalidade, pela conservação em estado de pureza ou pela creação dos elementos que são indispensaveis a ella; trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por elle.

Entre nós, para que exista de facto a nação brasileira, trata-se de formar o povo dentro da unidade de raça, para que seja possivel a coesão dos elementos dispersos na vastidão do territorio, quer encaminhando intelligentemente a immigração, quer estudando os nossos nucleos raciaes e as protuberancias que, como Canudos, assomam á pelle da nacionalidade. Porque uma nação só o é de facto, sem medo de separatismos e desuniões, quando ha uma affinidade profunda ou uma egualdade de raça entre os elementos que formam o povo; quando a lingua, os costumes, a literatura, o passado, o ideal futuro, prendem, enlaçam esses elementos para um destino commum.

Trata-se, pois, da unificação da raça; da unificação da lingua, já differenciada da portuguesa por uma força subconsciente, incorporando-se ao patrimonio della os legitimos modismos e palavras da generalidade do povo brasileiro; tenta-se a formação duma literatura propria, quer quanto ás fontes de inspiração, quer quanto á forma; trata-se da creação duma legislação brasileira, que proteja mais os nacionaes e melhor se accomode ao nosso meio e á nossa gente; procura-se entrelaçar as diversas unidades da federação pelas rodovias, que são outro tantos elos de união entre ellas; prende-se o interesse de um ao interesse de todos, para que todos se interessem pela conservação da collectividade.

Hora de analyse profunda das coisas a hora presente, em que a ansia de brasilidade invade todos os corações, preocupa todos os cerebros, porque todos que sentem e pensam compreenderam que o problema, longe de encerrar um mesquinho sentimento bairrista, é o problema mesmo da nossa existencia e duração, como povo e como nação.

Hora de inquietação, de estudo, de luta, de plasmação, em que a congerie dos problemas diversos é separada systematicamente e systematicamente estudada, sobre o fito de um ideal commum a abrasileiração, a perduração do Brasil.

Hora momento—brasileiro, a mais bella da nossa gente; hora incerta, obscura, nebulosa, em que se trata da eternidade, no espaço e no tempo, de uma sociedade.

ASCANIO LOPES.

## ELEGIA

(Encontrada no Leão da Estrada,)
espetada na almofada.

Desde do instante que te vi
fiquei loucamente apaixonada.
Não me desprezes
Amo-te és meu, ou serás?
O numero de meu telephone é cid.
3584, chamando pelo a Odette, que
tanto te ama.

Uns beijinho
Ao jovem dus bigodinho.

Copiada por SERGIO MILLIET.

## O CANTO DA TERRA VERDE

Léva de negros.

Fuzila o sol tinindo nas cacundas núas.

No ar o lampejo metalico das enxadas e das picaretas.

(A quando e quando
estrala a dynamite, estrondando e rebom-
bando no seio bruto
da pedreira bruta.)

E as estradas de rodagem, a custo, lentamente,
se entrelaçam,
como um cordame de veias,
no corpo adusto
da terra inhospita.

HENRIQUE DE RESENDE.

## BERCEUSE

Ha uma caricia subtil
no meu quarto...

A chuva indiscreta
vae contando
na melancolia ingenua de uma goteira
a tristeza que ha lá fóra.

—Alegria de pensar que a vida ê bôa!

FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO.

# PEDROMALAZARTE

Para Ribeiro Couto

A minha professôra
magra
magrinha
gostava muito de mim.

E eu era o pedromalazarte
da classe.

Um dia na hora do recreio
eu vi a minha professôra
magra
magrinha
tossir
tossir
tossir
e tingir o seu lencinho branco
de vermelho.

Hoje Deus levou a minha professôra
e eu sinto um remorso danado
de ter sido
o pedromalazarte da minha classe.

CAMILLO SOARES

# RICARDO PINTO E UM LIVRO

Ha na ironia canalha de Ricardo Pinto essa atrevida sinceridade que nos faz reconhecer os seus escritos, mesmo sem assinatura.

Tem uma personalidade definida, um modo muito seu, de espressar o seu profundo despreso pelos industriaes pansudos da politicagem rasteira.

E' na vida como na literatura: um sincero. Hão de chamal-o de escandaloso, é certo, porem os seus livros são e hão de sempre ser lidos com interesse, porque falam livremente á alma desse povo tão moço e tão sem coragem de reprimir a miseria geral que os politiqueiros safados provocam.

A literatura desse moço não é a de um despeitado, de um fantoche.

Muito pelo contrario.

Ha nos seus livros esse traço que o caracterisa, definitivamente diferente dos outros, que fazem da pena o ganha-pão amargo de cada dia, mascarando as proprias opinião, para regalo da gentinha miuda que já se acostumou aos bernardes e aos suicidios involuntarios dos *mergulhos nas calçadas*

Leio Ricardo Pinto como quem lê no campo invisivel de uma alma, a superioridade dos homens superiores.

Ricardo Pinto é um caso excepcional.

E me orgulho immensamente da amizade desse jovem escritor.

Hão de dizer que faço propaganda do meu amigo. Muito embora!

Conhecí os livros de Ricardo Pinto antes de conhecer Ricardo Pinto.

Foi uma casualidade o nosso encontro.

Uma das pouquissimas bôas casualidades na minha vida.

Eu fui sempre um revoltado, e encontrei em Ricardo este sentimento consolador, esse despreso piedoso e ironico de um homem—parte—isolada—da—humanidade, uma excepção no redemoinho desenfreado da luta da vida.

Esse modo maravilhoso da sinceridade e ironia que o conteur admiravel põe nos seus escritos é a melhor recommendação para os seus livros.

Não faz essa satira pesada e enjôativa dos revoltados violentos, dos desilludidos lacrimosos.

Os seus contos agradam a todo o paladar.

A todos não!

Os paes—da—patria hão de ver nos seus livros o espelho para as suas figuras grotescas, ratazanas encasacadas, verdadeiras sanquesugas dessa caixa de maribondos que a raiva de Deus poz no caminho de um povo mais que mediocre.

***

Mas... espera!

Ia me esquecendo do novo livro de Ricardo Pinto.

GENTE RUIM é um livro que deve ser lido.

A construcção psychica da nossa alma de caboclo e de mestiço achará nas suas paginas um verdadeiro poema de sinceridade.

E não ha negar: da sinceridade aleijada de que viemos, ficou nos esse gosto invencivel pela ironia, ironia tropical, ironia canalha, ironia de Ricardo Pinto.

Setembro de 1927.

CAMILLO SOARES

# MELANCOLIA

«—Bocca de forno!

—Forno!»
Ficou no fundo de minh'alma o sonho dos meus sonhos,
uma coisa que a gente tem na vida como se fôra sombra..

«—Bocca de forno!

—Forno!»
Gritos, corridas, brincadeiras...

«—Tirae um bolo!

—Bolo!»

Chôros, brigas e luctas...
Jangadas pelo rio abaixo, e banho ás escondidas...
Tudo era alegria, era prazer.
Joanna, pobre velha, andava a rir um riso humilde,
um riso de caricia,
e nos contava a historia do sacy cincoenta vezes..
E a meninada ria estrepitosamente...
Vinha o Maneco, o filho de Sá Rita, um caboclinho mal-
creado e perigoso, e nos dizia:
—Vamos ao *Circo Americano!*
E' muito facil lá entrar,
porque não tem cercado em roda, e o panno é muito alto,
e o *Pachola* um palhaço muito bom.

«—Bocca de forno!

—Forno!»
Folguedos, e fogueiras... Novenas, theatrinhos.
Curral do Judas...
Todas as tardes, pela rua Nova, e morro do Rosario, e o
largo da Estação, ouviamos o grito altissimo
de Osorio:
—Vamos brincar de guerra, agora!
Nós somos Japonêses e vocês são Russos...
Depois de muita lucta, vinham nossas mães a procurar-nos:

—Sáe do sereno, gente!

«—Bocca de forno!

—Forno!»
Ficou no fundo de minh'alma o sonho dos meus sonhos,
como o Vago indeciso da Distancia,
como a illusão de quem perdeu na vida a propria vida...

MARTINS DE OLIVEIRA

Do livro *Patria Morena* a sahir.

# INSOMNIA

Noite de luz accesa no meu quarto...
de espiraes do fumo do meu cigarro..
Noite de cinza
de luz accesa
de inquietitude e de incerteza...

Noite perfumada
pelas flôres mortas
guardadas no fundo da gaveta
de minha mêsa.

Noite de debuxo do teu perfil
esguio e esbelto
no meu cerebro de doente...

Noite da dansa original
e espiritual
da tua silhueta
na espiral
do fumo do meu cigarro.

Noite de leituras lidas:
—as tuas cartas...
os meus versos...
(noite de luz accesa no meu quarto..

MARTINS MENDES.

# JARDIM

Monotonia estranha dentro da tarde.
E o meu jardim?
O meu jardim
deixou de ser jardim
para ser perfume...

OSWALDO ABRITTA.

# SERENIDADE NO BAIRRO POBRE

A tarde é ruido nas avenidas,
a tarde é calma nos arrabaldes.

No ceu de bronze as aves pairam.
Depois, rapidas, num risco recto, ellas descem como
areoplanos de briquedo,
equilibram-se tremulas, tremulas,
e de novo pairam no ceu de bronze.

Infinita, a cidade vive...

Ha luzes florindo, correndo nas ruas,
ha luzes paradas.

A noite é calma nos arrabaldes...

O silencio sobe da terra magoada,
o silencio desce do ceu luminoso,
tão luminoso e tão alto que ninguem pensa nelle..

Pelos jardins de trepadeiras muito calmas,
de eras e rosas,
uma inutil melancolia
planta um refugio desconsolado.

Infinita, vaga serenidade...

925

EMILIO MOURA

# LITERATURA

## Edmundo Lys a HENRIQUE DE RESENDE, O Poeta das emoções suavissimas

Esse Henrique de Resende que sonhou, um dia isolar-se, como um principe de lenda, na «torre de marfim» da sua arte, fazendo versos com a piedade de um Fra Angelico, de joelhos diante da arte, como diante das illuminuras de um in folio sagrado, a alma em transbordamentos mysticos, é, de facto, um poéta de valor.

O seu *modus* primitivo, um pouco de cada um dos symbolistas maiores, de Viéle-Griffin a Samain, caldeados na sensibilidade mágica de Alphonsus, esse que foi a primeira suggestão imperiosa na esthetica de Henrique—a sua maneira inicial, no entrechoque das correntes, das tendencias e das fórmulas modernas, de arte, atenuou-se, perdeu os seus traços fundamentaes, modernizou-se, fez-se mais nova, de expressão, mais recente, de rithmo, na necessidade inevitavel de incluir-se no dogmatismo de Zgouridi, quando fala na «poesia galopante» da nossa época, consequencia magnifica do NÃO HA TEMPO—que é a verdade maior da arte actual, revelada pelo estheta de *Le sable sur Vescalier.*

Qualquer de nós, lendo os versos de Henrique, vê logo esse *caso* seu, particular, do temperamento que se procura, da individualidade que ainda não encontrou a sua equação definitiva, que já se emancipou da «forma fixa» de Wundit, mas que ainda não está segura da sua potencialidade de expressão.

Si o symbolismo—algumas vezes levado a um mysticismo que não chega a lembrar Mallarmé—tivesse exprimido a tendencia exacta da sua poesia, Henrique teria falhado.

Felizmente, como todos os artistas que se iniciam, longe disso, esse symbolismo, accordando maravilhosamente com a sua delicadeza emocional, não foi, nunca, mais que um *processo.*

Em alguns dos seus poemas—a maioria, no seu livro de estréa—o traço fundamental é o symbolismo. Percebe-se, mesmo, neste caso, o quanto pesaram, na sua poesia, as impressões fortes e directas de Alphonsus de Guimarãens.

Mas, mesmo nesse livro, ja vemos outros poemas, onde a emancipação definitiva se delinea, auspiciosa. Nesses versos, já não ha symbolismo.

Conseguindo esse facto, quer quanto á technica, quer quanto ao motivo, o poeta manifestou-se mais livremente á nossa sympathia. Sentimo-lo mais proximo da nossa sensibilidade, ferindo, com mais segurança, a emoção experimentada, commovendo-nos com mais força, liberto do canon que Joubert inaugurou (1810), quando desejou «expressar os pensamentos por meio de signaes musicaes»—canon, aliás, muitas vezes, mais imperioso, mal grado a liberdade rithmica, que o dos parnaseanos formalistas.

Temos, até aqui, encontrado duas verdades, a proposito do primeiro livro de versos de Henrique de Resende, *Turris Eburnea.* (Monteiro Lobato & Cia., ed. 1923) onde o titulo, remanescente das tendencias primitivas do poeta, difficilmente se justifica depois que, sob elle, foram incluidos os seus poemas mais modernos.

Desse modo é que verificámos, o que é facil, que Henrique de Resende:

a) é um poeta *modernisado* que
b) *foi* symbolista

Ahi estão as duas verdades.

Alguns criticos (?), falando do livro de Henrique, por um prejudicial excesso dogmatico, asseguram, uns, que elle é mystico, outros, que elle é intimista (v. Geraldy, Guilherme de Almeida, etc.).

Mas Henrique não tem culpa de nada disso. E, alem do mais, elle já foi chamado até de futurista!...

Positivamente, os cabraes do futurismo de Henrique nunca leram aquella deliciosa CANZONE DEL PNEU MICHELIN, de Guido Da verona, nem aquelles maravilhosos CARTÕES POSTAES, de Serge Milliet..

O symbolismo intutivo ou cultural, de Henrique, do qual o poeta se libertou, com intelligencia, serviu-lhe, entretanto, para familiariza-lo com as imagens raras, com os entre-tons e com os smorzando, pontos de referencia precisos, dessa escola.

Henrique nunca poderá abandonar—o que vae marcar a sua individualidade, com um traço forte—essa *maneira* que lhe é familiar e é, mesmo, a sua feição definitiva: essa «poesia da penumbra», descoberta por Ronald de Carvalho na arte de Ribeiro Couto.

Apezar das modalidades que, porventura, tome o seu talento, Henrique de Resende ha de ser, sempre, o poeta das emoções suavissimas, esse poeta que fez os seus poemas mais lindos.

EDMUNDO LYS.

Abril, 925.

ANTONIO CONSTANTINO

Este é o canto da minha terra!
Editorial Helios. S. Paulo — 1927

Mais um moderno poeta. verdamarello. Bravos.

Que sirva de lição a nós, mineiros, essa coragem americanamente americana que caracteriza o homem paulista de hoje. Coragem paulista do sr. Antonio Constantino, por exemplo, mandando imprimir naquella faixa que envolve o seu livro estas *mui heroicas* palavras:

*Este livro é todo um poema da nova Poesia Brasileira, liberto de exóticas influencias e de forasteiros modelos. Alvorada de um Brasil intellectualmente redimido, em que vivem os anseios das nossas cousas, a belleza das nossas tradições, a tortura da nossa saudade.*

E não faltou nem a *saudade*. E nem as virgulas academicas nos logares direitinho. Muito bem. Pra outros. Pra mim foi muito mal. Não gostei disto. Como tambem não gostei daquellas *notas* esplicativas no final do livro. Dá uma idéa do *Assombrações e duendes* da livraria Quaresma. Tal e qual. Complicado. Esquisito. Cheios de notas. E o diabo.

O livro do sr. Antonio Constantino ao primeiro aspecto assusta. Pelo menos eu assustei. Porque depois daquelle destampatorio todo ainda vem o classico *peliminarmente*. E' basta isso, minha Nossa Senhora, e basta isso n'um livro moderno pra assustar a gente.

O sr. Antonio Constantino ainda gosta de esplicações. Defeito naturalissimo em quem ainda não se libertou de facto. Aliás o mesmissimo defeito em que nós, da *Verde*, estamos enraizados.

Comtudo o sr. Antonio Constantino é um delicioso aquarellista. Imaginem um Roque Gamero na moderna poesia brasileira! Pois é assim mesmo o admiravel autor de *Este é o canto da minha terra!*

Amostra de um pedaço da estupenda ALVORADA:

No templo da gameleira umbrosa,
na escura ábside das franças dormentes,
óra nos oratorios de crystal dos ninhos
o côro dos passaros cantores.

E o órgão psalmodia
nos ramos sonorento,
langoroso e lento,
tocado pelo soturno monge — o vento.

Ou este quadro, AGUAPE'S:

BUBUIAM os aguapés no ventre da lagôa,
suspiros que brotaram na epiderme
visguenta das aguas remansosas.

E na catalepsia do crepusculo
as crianças cirandam:

*—O cravo brigou co'a rosa,*
*debaixo de uma latada..*

Na agua parada de teus olhos
bubuiam os aguapés rutilos das lagrimas...

*— ... o cravo ficou ferido,*
*e a rosa, despedaçada ...*

E os suspiros sóbem e veem bubuiar
á flôr de nossos labios...

*— Roseira, minha roseira,*
*roseira sem um botão ...*

Lembramo-nos: na tarde quieta de maio...
aos primeiros arrepios do frio
que chegava... tu me prendeste
na enrediça de teus braços...

*— Menina, minha menina ...*

Somos hoje como esses aguapés que fluctuam
na pelle elastica da lagôa,
impellidos atôa,
sem destino,
pelo vento...

*— ... menina do coração ...*

Quê delicadeza de figura simples e envolvente! Frescura...

E seria um feio peccado mesmo—se a gente deixasse de transcrever este maravilhoso epigramma que vem de collocar o poeta á altura dos nossos maiores:

CANÇÃO DA MINHA VIDA

Se eu te contasse a minha vida!...
decerto chorarias commovida
á historia da minha dôr...

Se eu te contasse a minha vida!

Mas tu bem sabes todo o meu amôr...

Pureza de linhas. Apuro de pensamento são. Delicadeza e finura de alma. Sim, senhor!

E destas coisas todas é que está cheio *Este é o canto da minha terra!*

Antonio Constantino veio nos proporcionar uma hora de verdadeira Belleza em contacto com a sua sensibilidade estranha e fina.

*Este é o canto da minha terra!* é um livro de verdade.

Não é pra agradar o seu autor não.

ROSARIO FUSCO.

SERGIO MILLIET

*Poemas analogos*

São Paulo 1927

Sergio Milliet acaba de dar um baita rabo de arraia nas letras nacionaes com a publicação do seu quasi maravilhoso *Poemas-analogos.*

Alegre e vivo, como aliás aquella gente toda da Paulicéa, Sergio Milliet é um bicho na melange. (*) Blague ⋊ sinceridade = poesia lirica gostosa. Porque Sergio Milliet é um lirista-lirico. Digo lirista-lirico pra differencial-o de muita gente por aí que de lirico só tem o nome.

A maneira, o geito constructor de Milliet é formidavel. Formidabilissimo. *Poemas-analogos* é uma grande reviravolta na poesia moderna brasileira. Repito. Apesar de Sergio Milliet bancar a codaque-autographica de vez em quando e retratar aquellas coisas que elle viu na Estranja: moinhos de vento, hollandezes de tamanco etc. Desenhos bem coloridos e bem trabalhados mas que não agradam muito.

Porquê motivos estranhos?

Prompto. Chegou a hora das citações. Mas eu não vou citar coisa nenhuma. Quem quizer que leia os *Poemas.* Comprado ou emprestado. Não por minhas mãos.

O *quasi* de Sergio Milliet (dito aí pra traz) é aquelle gôsto sem gôsto de botar a macêtissima *senhora rôxa* nos seus poemas. Pra mim essa coisa insignificante é imperdoavel e significa muita coisa.

Francamente, achei pau, bem pausinho esse negocio. Hoje em dia a gente não tem mais tempo de ter saudades. Nem de ninguem nem de coisa nenhuma. E outra: não ha um só livro em lingua portugueza que não tenha a saudade mettida no meio. E notem que João de Barros foi quem disse isto. Um portuguez!

Se Sergio Milliet desse o fóra redondo nessa sujeita evitaria assim um logar-commum—COMMUNISSIMO na arte de escrever.

Os versos de Milliet são alegres. Alegres mesmo. Contraste. Em todo o caso *um pouco de melancolia de vez em quando é bom pra não perder o costume.* João Alphonsus pensou bem pensado esse negocio. Mas não dá pra convencer ainda. Pelos menos não me convenceu.

Ha poemas nos *Poemas* de uma gostosura que só vendo. Tem dois poemas até que dão uma vontade horrivel da gente os calssificar entre os melhores poemas da lingua portugueza. Não chego a tanto, porem.

Pra terminar: *Poemas analogos* é um dos melhores livros do nosso modernismo. Um livro que vem de abrir um caminho novo. Pra ser trilhado com proveito por quem o compreender. E' um livro que depois de sua leitura dá vontade da gente exclamar que só a *gente* deveria escrever coisa tão bôa assim.

Eu, pelo menos, tive essa vontade.

ROSARIO FUSCO.

(*) Thioréma. Formula erradissima. No fim dá certo.

# ARTE E ARTIFICIO

Na realisação estética não sabemos traduzir ezatamente com palavras onde começa a arte e onde termina o artificio. Entretanto sentimos os valores do poema, da musica e demais elementos do que se convencionou chamar "arte productora do belo" Assim, vemos na literatura dois estremos: a literatura e a literatice. Parece subtil a diferença. Em realidade não é porque atingimos perfeitamente os mais leves matizes que medeiam entre ambos. O que não raro acontece é só querermos ver o que nos convem, provindo daí as modas, moldes, escolas, etc., onde só predomina a literatice. Nem sempre todavia são nocivos os agrupamentos literarios em que os componentes se ligam pelo mesmo gosto ou genero no feitio da composição. Agrada a literatice quando bem feita, agrada e diverte autor e leitor em partes iguaes. Cansa quando repetida porque a produção literaria está compreendida no triangulo formado pela arte, artificio e assunto. São perfeitos os triangulos que possuem os tres angulos na mesma dimensão. Em algumas regiões do mundo certo angulo é sempre mais aberto. Na França, por ezemplo, ha ecesso de artificio na sua actual literatura, devido á imensa produção do passado que esgotou os assuntos ao alcance do francez. Na America ainda ha muito que descobrir. Serão os descobrimentos facilitados pelo americano si conseguir desviar os olhos da Europa. Conservando as qualidades e os defeitos que o Destino lhe deu, encontrará mais sabor no seu trabalho. O ezito está apenas na felicidade com que souber delinear triangulos com arte, assunto e artificio.

YAN DE ALMEIDA PRADO.